



APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

AUTORITARISMOS NO SÉCULO XXI

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

É com imensa satisfação que lançamos o Dossiê “*Autoritarismos no século XXI*”. Os textos que compõem esta edição foram apresentados e debatidos durante o “*I Colóquio Interdisciplinar sobre “Autoritarismos no século XXI: linguagens, espaços e memórias*”, que aconteceu na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, no ano de 2024. Todos eles, cada um a seu modo, navegam pelas complexas relações entre autoritarismos, poder, arte e desigualdades no contexto brasileiro, da análise histórica e geopolítica à crítica das estruturas acadêmicas e culturais.

No ensaio sugestivamente intitulado “História, literatura e geografia”, Edward Said¹ traça um panorama sobre as familiaridades teóricas e problemas semelhantes dessas três áreas afins no campo do que chamaríamos, genericamente, de humanidades. Simplificando bastante a discussão tecida pelo orientalista – passando por Auerbach, Lukács e Gramsci –, o diálogo entre esses modos de compreender a cultura seria sempre enriquecedor e capaz de ampliar a perspectiva que temos da realidade. Já no fim do texto, depois de haver descrito problemas metodológicos particulares a cada uma das áreas, ele sugere que a análise e interpretação conjunta dos fenômenos da modernidade – um exercício hermenêutico que leve em conta fatores temporais, territoriais e culturais – pode permitir a intervenção efetiva no presente e a “libertação de absolutismos”. É acreditando nesse diagnóstico, com alguma esperança, que apresentamos os estudos a seguir.

No artigo “Fascismo e capitalismo dependente: um ensaio sobre a instabilidade crônica no Brasil contemporâneo”, Thiago Araújo Santos argumenta que, diferentemente de uma ruptura fascista definitiva (ruptura reacionária), o capitalismo dependente brasileiro é marcado por uma instabilidade crônica que tende a evitar mudanças revolucionárias (socialistas ou fascistas). Em momentos de crise, prevalecem inovações que vêm “pelo alto” e possuem um caráter restaurador. O texto busca uma abordagem intermediária para o fascismo contemporâneo, respeitando sua integridade conceitual histórica, mas friccionando-a com as possibilidades neofascistas atuais.

¹ SAID, E. História, literatura e geografia. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 209-228.

Maria Celma Borges, no artigo intitulado “Indígenas e camponeses e as práticas pós-fascistas do governo Bolsonaro: continuidades dessa história do passado ao tempo presente”, analisa, o histórico de violências contra os povos originários e população camponesa na América portuguesa num período bastante abrangente, do Império ao século XX, especialmente no modo como esses embates se deram no Brasil. A pesquisadora propõe uma discussão sobre o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) e suas práticas a partir do conceito de pós-fascismo, que é utilizado para descrever um regime notadamente diferente do fascismo histórico, desligado de utopias, pessimista por natureza, vinculado ao neoliberalismo e promotor da exclusão e de múltiplas formas de desigualdades. O texto, marcado testemunho pessoal da violência na luta pelos direitos à terra, enfatiza que o governo Bolsonaro deu continuidade ao fortalecimento da bancada ruralista e suas pautas conservadoras, exemplificadas pela proposição do Marco Temporal e pela ausência de demarcação de terras indígenas.

O artigo “Os (des)caminhos da subalternidade e da violência na literatura brasileira contemporânea: o (não) lugar de *Querô, uma reportagem maldita*, de Plínio Marcos”, de Wagner Corsino Enedino, Celeste da Silva Sousa e Michelle Oliveira Corsino, analisa a obra de um dos grandes intérpretes do país no campo das artes dramáticas a partir de um romance publicado em 1977. Os autores mobilizam referenciais teóricos dos Estudos Culturais e da Crítica Literária para abordar a subalternidade e a marginalidade social como representações estéticas no contexto da ditadura militar pós-1964. O texto discute como o *outsider* Plínio Marcos transformou “personagens reais” em ficção, utilizando um verismo radical e o jargão dos “deserdados” para denunciar o descaso sociocultural e a violência da ordem econômica e cultural. A obra é lida como um retrato da subalternidade, no qual a personagem Querô é a materialização de um coletivo que sobrevive no anonimato, e sua mãe, Alzira, representa o silenciamento e a morte como uma solução imediata para o conflito, um “ato ideológico” que restringe o livre-arbítrio. A violência, na estética Pliniana, surge como a única forma de defesa e de quebra do silêncio para esses grupos excluídos, confirmando a importância da “literatura marginal” como manifesto artístico em constante vigilância contra o *status quo* no Brasil.

No artigo “O legado de Vianinha na dramaturgia nacional: reflexões sobre arte e resistência 51 anos depois”, Dolores Puga revisita a obra do dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho. A autora destaca o engajamento político e a resistência cultural durante

a ditadura militar-empresarial como elementos fundamentais para a compreensão da importância de Vianinha para o teatro nacional. Centrada em “A mais-valia vai acabar, seu Edgar” (1960), “Rasga Coração” (1974) e a adaptação televisiva de *Medeia* (1972), a análise demonstra como a trajetória biográfica do dramaturgo, sua capacidade de articular o teatro épico ao didatismo, assim como a mediação musical inserida no texto dramático contribuíram para a elaboração da crítica social aliada à inovação estética. Esse legado, relevante para o debate sobre os desafios contemporâneos à democracia, pode, certamente, servir de inspiração às novas gerações.

Sob a forma aberta do ensaio, André Luiz do Amaral discorre, em “O autoritarismo e as ruínas da linguagem: de Franz Kafka a Jean-Yves Jouannais”, sobre artefatos literários temporal e cronologicamente díspares. A literatura é apresentada como uma forma de “trapacear o autoritarismo da linguagem”, já que a própria língua, no sentido barthesiano, é um dispositivo fascista. A partir de uma análise comparada entre Franz Kafka e Jean-Yves Jouannais, o autor interpreta a guerra e a catástrofe como *continuum* da história. Propõe, ainda, que a análise literária e a própria literatura sejam compreendidas como exercício de “ruinologia” dos escombros, dos rastros dos corpos e dos textos, ambos dominados pelos detentores do poder.

No artigo “Gênero e autoritarismo científico na geografia: tensões e desafios epistemológicos”, Patrícia H. Milani discute a presença de um autoritarismo científico na Geografia Brasileira, na qual o discurso de neutralidade esconde um viés androcêntrico, machista, elitista e heteronormativo, que negligencia as dimensões de raça, gênero, classe e sexualidade. O texto destaca a predominância masculina nos espaços de enunciação acadêmica e nos comitês editoriais, assim como a baixa visibilidade de temas como gênero, raça e sexualidade na produção científica geográfica brasileira. Em resposta a essa hegemonia, a autora propõe o avanço da epistemologia feminista e a interseccionalidade como fundamentos metodológicos. O objetivo não é apenas estudar as mulheres, mas sim pensar o gênero como uma categoria de análise integrada ao político e econômico, desafiando a totalização e a visão única por meio de saberes parciais, localizados e críticos.

Reafirmamos a importância do pensamento crítico e interdisciplinar na leitura dos autoritarismos contemporâneos e de suas múltiplas expressões — políticas, culturais, estéticas e científicas. As reflexões aqui reunidas, nascidas do diálogo

intenso entre diferentes áreas do conhecimento, apontam para a urgência de compreender o fenômeno não apenas como manifestação da política em sentido lato, mas como uma lógica difusa que atravessa corpos, instituições e linguagens. Ao reunir análises que vão da crítica social e literária às disputas epistemológicas e territoriais, este dossiê convida à resistência intelectual e ética frente às novas formas de dominação e silenciamento, reafirmando o papel da arte, da ciência e da memória como instrumentos de emancipação e de defesa da democracia.

Desejamos uma ótima leitura!

Patrícia Helena Milani e André Luiz do Amaral